



FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

# POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA: CONTEXTOS, ENSAIOS, ENTREVISTAS, METODOLOGIAS.

Rui Torres (ORG.)



edições UNIVERSIDADE  
FERNANDO PESSOA



## FICHA TÉCNICA

### TÍTULO

Poesia Experimental Portuguesa: Contextos, Ensaios, Entrevistas, Metodologias.

### ORGANIZADOR

Rui Torres

© 2014 - Universidade Fernando Pessoa

### EDIÇÃO

edições Universidade Fernando Pessoa

Praça 9 de Abril, 349 | 4249-004 Porto | Portugal

Tlf. +351 225 071 300 | Fax. +351 225 508 269

edicoes@ufp.edu.pt | www.ufp.pt

### DESIGN

Oficina Gráfica da Universidade Fernando Pessoa

### ISBN

978-989-643-121-1

Este livro contém alguns dos resultados do projecto 'PO.EX'70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa', financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com fundos da União Europeia com a Referência PTDC/CLE-LLI/098270/2008, o qual teve como Investigador Responsável Rui Torres, e como Instituição Proponente a Fundação Ensino e Cultura Fernando Pessoa (FECFP). Teve Início a 01-03-2010 e terminou em 28-02-2013. O Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa está disponível em <http://www.po-ex.net>

OS CONTEÚDOS DESTA EBOOK SÃO DA INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

Reservados todos os direitos. Toda a reprodução ou transmissão, por qualquer forma, seja esta mecânica, electrónica, fotocópia, gravação ou qualquer outra, sem a prévia autorização escrita do autor e editor é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.

# INTRODUÇÃO

Rui Torres<sup>1</sup>

## O PROJECTO PO.EX'70-80

O projecto “PO.EX'70-80 - Arquivo Digital da Literatura Experimental Portuguesa”, realizado entre Março de 2010 e Fevereiro de 2013,<sup>2</sup> teve como objectivo dar continuidade a um projecto anterior, “CD-ROM da PO.EX (Poesia Experimental Portuguesa - Cadernos e Catálogos)”,<sup>3</sup> no âmbito do qual se fizeram estudos acerca do experimentalismo literário português dos anos 1960 e se criou um CD-ROM interactivo com as principais revistas e catálogos da poesia experimental portuguesa (conhecida como PO.EX<sup>4</sup>, embora essa designação não seja consensual). As recomendações de diversos agentes e consultores deste primeiro projecto, no sentido de alargar aos anos 1970 e 80 o trabalho de recolha, classificação e reprodução digital da Poesia Experimental Portuguesa, estão na origem deste Arquivo digital.<sup>5</sup>

Esta dilatação temporal permitiu aperfeiçoar e desenvolver os estudos e recolhas já iniciados, incluindo agora a poesia visual e sonora, a videopoesia, o happening e a literatura cibernética, que entendemos como extensões e/ou renovações do experimentalismo literário do período anteriormente analisado, já que partimos efectivamente do princípio de que existe uma ligação entre as poéticas do concretismo e as poéticas digitais.

Caracterizado pela abertura e pelo livre acesso de recursos, este projecto permitiu garantir a preservação e organização de um espólio literário fundamental para compreender as textualidades e as materialidades literárias emergentes. Entre outros, foram estes os objectivos propostos (e alcançados) pelo projecto: contribuir para a disseminação e o conhecimento da poesia portuguesa da segunda metade do século XX; motivar novas proposições teóricas e novas metodologias de investigação, ligando a investigação teórica com o desenvolvimento de produtos hipermédia e de arquivos digitais; contribuir para a preservação de documentos literários frágeis e/ou raros; distribuir e dar a conhecer, gratuitamente, em escolas, universidades e instituições culturais, representações digitais da produção literária experimental, criando condições para políticas

<sup>1</sup> Professor associado com agregação na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Fernando Pessoa - Porto.

<sup>2</sup> Projecto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia com fundos nacionais do MCTES e fundos estruturais da UE. Ref<sup>o</sup>: PTDC/CLE-LLI/098270/2008.

<sup>3</sup> Projecto financiado pela FCT entre 2005 e 2008, com a Ref<sup>o</sup> POCI/ELT/57686/2004.

<sup>4</sup> PO.EX [PO(esia).EX(perimental)] é um acrónimo proposto por E. M. de Melo e Castro para a exposição PO.EX/80 (Galeria Nacional de Arte Moderna, Lisboa) e usado no título do livro ‘PO.EX: Textos teóricos e documentos da poesia experimental portuguesa’ (org. Melo e Castro & Hatherly, 1981). Deriva esse acrónimo do título da Revista de Poesia Experimental (também conhecida como Cadernos de Poesia Experimental), com dois números publicados, tendo o primeiro sido organizado por António Aragão e Herberto Helder (1964) e o segundo por António Aragão, Herberto Helder e E. M. de Melo e Castro (1966).

<sup>5</sup> Desde logo, é imperativo agradecer aqui a um conjunto de pessoas e entidades sem as quais este Arquivo não teria sido possível. Aos poetas e artistas contactados que gentilmente cederam as suas obras e o seu tempo: Álvaro Neto (Liberto Cruz), Américo Rodrigues, Ana Hatherly, Antero de Alda, António Barros, António Dantas, António Nelos, Armando Macatrão, César Figueiredo, E. M. de Melo e Castro, Emerenciano, Fernando Aguiar, Gabriel Rui Silva, Jorge dos Reis, José-Alberto Marques, Manuel Portela, Pedro Barbosa, Silvestre Pestana. Aos familiares de poetas já falecidos: Abílio-José Santos, António Aragão, Salette Tavares. À Biblioteca e à Fundação de Serralves. A todos os bolseiros dos projectos: Alexandra Nogueira, Alexandre Rocha, André Carvalho, André Seixas, Ciro Miranda, Diogo Gomes, Helena Marinho, Raquel Monteiro, Rodrigo Melo. Aos consultores dos projectos: Chris T. Funkhouser, E. M. de Melo e Castro, Fernando Aguiar, Johanna Drucker, Jorge Luiz Antonio, Pedro Barbosa, Sérgio Bairon.

e estratégias de utilização de novas tecnologias na produção e disseminação da literatura contemporânea; alcançar novos e diferenciados públicos; encorajar a produção de literatura electrónica, disponibilizando as competências e as condições técnicas necessárias para uma utilização consciente e pedagogicamente sustentada das ferramentas digitais.

Para atingir os objectivos delineados, seguimos três linhas de acção que se articularam com algumas das tarefas propostas.

Em primeiro lugar, dedicámo-nos a uma recolha e enquadramento do corpus seleccionado. Neste sentido, foram realizados estudos acerca da história das relações da literatura com outras artes, nomeadamente a pintura e a performance, permitindo desse modo melhor compreender a produção poética experimentalista dos anos 1970 e 80. Partindo de um reconhecimento teórico-crítico da articulação de vários processos de mediação na poesia contemporânea, propusemos ainda uma taxonomia de conceitos e temas que permitiu organizar, compreender e classificar as relações conceptuais evidentes nestes textos, como julgamos ficar explicitado na Justificação Metodológica entretanto redigida e aqui publicada.

Em segundo lugar, promovemos a digitalização, recriação e tradução de um conjunto seleccionado de obras. A captura audiovisual da literatura experimental portuguesa foi enquadrada pela tradução de vários artigos e manifestos, de modo a ajudar públicos internacionais a compreender os trabalhos literários apresentados na plataforma. Foram ainda recuperados textos dinâmicos, interactivos e/ou generativos, tendo sido nesse contexto necessário recorrer a processos de emulação de software, obrigando ao mesmo tempo a uma recuperação e a um estudo histórico de software de programação literária (literatura cibernética) que se encontra neste momento indisponível. Estes aspectos serão certamente desenvolvidos no futuro, e a disponibilização pública das traduções e das emulações fica parcialmente dependente de futuros financiamentos.

Foi ainda nosso objectivo reflectir acerca das questões levantadas pela plataforma adoptada e sua capacidade de disseminação. A criação de uma plataforma digital para divulgação da literatura experimental teve, nesse sentido, que ser suficientemente aberta, relacional e abrangente, e os conteúdos disponibilizados foram organizados segundo taxonomias e ontologias previamente definidas.

Finalmente, de salientar que criámos, no âmbito do projecto, um Laboratório de Escrita Digital no qual foram realizadas algumas experiências literárias com plataformas digitais - multimédia e hipermédia. Foram ainda gravadas várias leituras de textos experimentais, já disponibilizadas no Arquivo.

## A POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA EM CONTEXTO

O experimentalismo literário apresenta-se ciclicamente ao longo da história da literatura, correspondendo a uma prática, mais do que um período literário específico. Na segunda metade do século XX, o experimentalismo poético português, marcado pela descoberta da poesia visual e concreta internacional, levou um grupo de poetas a escolherem a designação de Poesia Experimental (PO.EX) para catalogar as suas actividades. A origem deste nome encontra-se nos dois Cadernos antológicos da Poesia Experimental, publicados em 1964 e 1966. No entanto, deve salientar-se que alguns autores não se sentem hoje confortáveis com este rótulo, por muito aberto e abrangente que ele possa ser, como será certamente o caso do poeta Alberto Pimenta, de certo modo incatalogável, a quem, ainda assim, dedicamos alguns dos nossos estudos, em respeito por um período histórico em que associou a sua produção à poesia visual portuguesa, bem como à performance.

Ana Hatherly anunciou a existência da poesia concreta num texto publicado no *Diário de Notícias* de 17 de Setembro de 1959, com o título “O idêntico inverso ou o lirismo ultra-romântico e a poesia concreta”, artigo esse que veio acompanhado de poema pré-concreto da autora. No entanto, devemos destacar, antes desse anúncio, o poema “Solidão”, de José-Alberto Marques, publicado inicialmente em 1958 e republicado em 2009, enquadrado pelo autor como “poema concreto”. O primeiro livro inteiramente dedicado ao assunto foi *A Proposição 2.01--Poesia Experimental*, publicado por E. M. de Melo e Castro em 1965. Estes autores foram efectivamente os que mais trabalharam, durante este período inicial, no sentido de teorizar e divulgar a Poesia Experimental, tanto concreta quanto visual, em Portugal e no estrangeiro.

As origens da poesia concreta já se encontram no primeiro livro de Salette Tavares, *Espelho cego*, publicado em 1957, onde é possível testemunhar um recurso à substantivação que está muito próxima daquela que seria utilizada pelos poetas concretistas brasileiros desde o princípio dos anos 50, bem como em alguns poemas da mesma altura de José-Alberto Marques, E. M. de Melo e Castro, Ana Hatherly e António Aragão. Podem ainda ser referidas experiências tipográficas e visuais em obras de Jaime Salazar Sampaio ou Alexandre O’Neill. Aliás, a tendência para situar o aparecimento da poesia visual no início do século XX, com as *parole in libertà* dos futuristas ou os poemas-colagem dos dadaístas, é contrariada por vários autores. Para Ana Hatherly, por exemplo, uma cronologia da poesia visual deveria incluir séculos de experiência de textos-imagem, que compreendem hieróglifos, ideogramas, criptogramas, diagramas, bem como uma grande variedade de outros textos e objectos poemáticos. De qualquer modo, com a poesia concreta, como os poetas brasileiros afirmaram, dá-se por encerrado “o ciclo histórico do verso” (Campos, Pignatari e Campos, 1965: 154), inaugurando o espaço gráfico da página enquanto agente estrutural - e não apenas linear-temporal, como nos caligramas e ideogramas estudados por Hatherly.

Como explicam de uma forma sustentada Melo e Castro e Hatherly, a poesia experimental portuguesa caracterizou-se pela contestação da crítica literária vigente, denunciando a inadequação da crítica aos novos materiais do poema. Por outro lado, encontrava na repressão política generalizada que então se vivia no país (anos 1960), as origens do desfasamento dessa mesma crítica em relação às práticas poéticas. Deste modo, a poesia experimental, como os seus principais autores não se cansam de insistir e mostrar, precisou de se apoiar numa teorização da sua prática poética. As teorias do texto e da comunicação dos anos 1960 foram, neste sentido, fundamentais, verificando-se nos autores um conhecimento profundo da teoria da informação, da semiótica, ou do estruturalismo, mas deixando-se ao mesmo tempo impressionar pela utilização criativa da tipografia, da publicidade e das tecnologias da comunicação e da informação.

Parece hoje em dia razoável afirmar que a poesia experimental foi deliberadamente ostracizada e marginalizada pela crítica literária da altura, aspecto que porventura explica o sentimento de “causa ingrata” de que falava Ana Hatherly. Como estes autores explicam, o facto de o clima literário português estar, nessa altura, controlado pela tendência onírico-psicologista dos poetas surrealistas, tendência essa que fora rejeitada, inicialmente, pelos poetas concretistas, poderá ter estado na origem da impressão negativa generalizada acerca do “movimento”, uma vez que o Surrealismo é uma tendência dominante e visível na literatura portuguesa contemporânea. No entanto, ao contrário dos interesses subjectivistas dos surrealistas, os experimentalistas centram a sua atenção na palavra como valor absoluto e substantivo. Também a prevalência da noção de autor e a individualidade dos surrealistas é substituída pelos experimentalistas por uma preocupação com o processo de criação e recepção do poema. Este é apenas um exemplo, já que a demarcação proposta pelos membros da PO.EX também se verifica em relação a outras tendências literárias.

As propostas de conceptualização e caracterização da PO.EX que os experimentalistas deixaram são vastas, tendo sido devidamente documentadas no livro *PO.EX: Textos teóricos e documentos da poesia experimen-*

*tal portuguesa*. A partir desses textos (Melo e Castro e Hatherly, 26-27), é possível concluir que a PO.EX opõe-se ao sentimentalismo e ao discursivismo da poesia tradicional em geral; rejeita a rigidez da métrica e da rima; propõe o objectivismo e o trabalho colectivo para contrabalançar uma herança demasiado pesada de psicologismo individualista próprio da geração do Orpheu; sugere a resistência e o internacionalismo como forma de rejeitar o projecto nacionalista do Futurismo português; e rejeita o discurso ideológico do Neo-realismo e o automatismo do Surrealismo.

Desarticulando os papéis tradicionalmente atribuídos à poesia e à crítica, Hatherly e Melo e Castro entendem, pois, que a atitude de perplexidade dos críticos representa a resposta possível à “pura falta de adequação às matérias em questão...” (169). Para os autores, uma crítica “desinformada” só pode alimentar mitos tais como “a verdade, a autenticidade, a inspiração, a pureza do lirismo, o génio e o talento, ou outros conceitos mais ou menos metafísicos, que ele instituía arbitrariamente (impressionisticamente?) em critérios de apreciação literária” (170-71).

O objectivo destes projectos acerca da PO.EX foi, precisamente, e atentos a estes contextos determinados por conflitos e mal-entendidos, tentar trazer um conjunto de olhares distanciados, convidando investigadores de procedências diversas a abordar este fenómeno textual a partir de leituras multidisciplinares. Este livro é apenas uma parte dos resultados alcançados. Uma listagem de tudo aquilo que foi produzido durante estes seis anos de dedicação a uma causa - disseminar e dar a conhecer a extraordinária produção poética do chamado experimentalismo na literatura portuguesa - ficará registado no Arquivo que entretanto desenvolvemos.

O Arquivo Digital da PO.EX está disponível para acesso público em <http://www.po-ex.net>



UNIVERSIDADE  
**FERNANDO PESSOA**

[WWW.UFP.PT](http://WWW.UFP.PT)